

# ARQUIPÉLAGO



*Afinidade, organização informal e projetos insurrecionais*



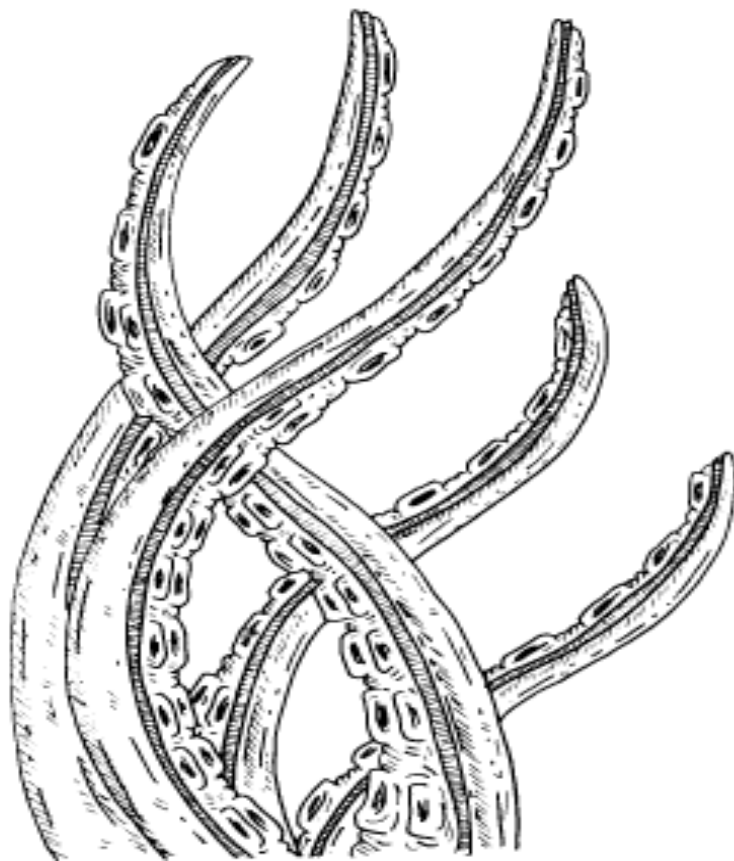
Este texto está disponível em [grupolalibertaria.org](http://grupolalibertaria.org)  
Incitamos à pirataria, odiamos a propriedade.

LA LIBERTARIA



# ***Arquipélago - Afinidade, organização informal e projetos insurreccionais***

*publicado na edição número 2 (novembro de 2012) da revista belga Salto - Subversão &  
Anarquia, editada em Bruxelas. Traduzido por la libertaria.*



# ***Afinidade, organização informal e projetos insurreccionais***

*publicado na edição número 2 (novembro de 2012) da revista belga Salto - Subversão & Anarquia,  
editada em Bruxelas. Traduzido por la libertaria.*



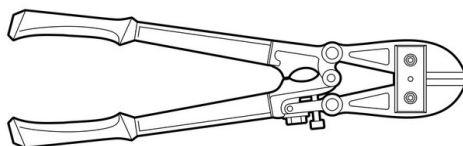
Por que voltar às questões sobre afinidade e organização informal? Certamente, não porque nos faltam tentativas de explorar e aprofundar esses aspectos do anarquismo, não porque a discussão de ontem, assim como a de hoje, não seja de alguma forma inspirada por eles, e também não porque falta textos, é verdade, a maioria das vezes em outros idiomas, que abordam estas questões talvez de uma maneira mais dinâmica.

No entanto, sem dúvida, certos conceitos requerem um esforço analítico e crítico contínuo, se não querem perder seu significado ao serem usados e repetidos com demasiada frequência. Caso contrário, nossas ideias correm o risco de se tornar um lugar-comum, uma "evidência", um terreno fértil para o jogo idiota da competição de identidade, onde a reflexão crítica se torna impossível. Também acontece que a escolha da afinidade para alguns é rapidamente descartada como se fosse uma relação baseada em suas próprias ideias, uma relação que não permitiria um contato com a realidade, nem

tampouco com camaradas. Enquanto outros a agitam como uma bandeira, como uma espécie de lema, e como todos os lemas, geralmente é o verdadeiro significado, profundo e propulsor, que acaba sendo sua primeira vítima.

***Nenhuma atividade humana é possível sem organização, pelo menos se entendemos a organização como 'a coordenação dos esforços mentais e físicos que são considerados necessários para alcançar um objetivo'.***

Dessa definição, podemos deduzir um aspecto importante, que muitas vezes é esquecido: a organização é funcional, está voltada para a realização de algo, para a ação no sentido mais amplo da palavra. Aqueles que hoje insistem para que todos se organizem, na ausência de metas claras e enquanto esperam que, a partir do primeiro momento da organização, todo o resto se desenvolva automaticamente, assumem que a organização é um fim em si mesma. No melhor dos casos, talvez esperem que disso surja uma perspectiva, uma perspectiva que não conseguem imaginar por si mesmos ou que não conseguem desenhar, mas que só seria possível e tangível dentro de algum tipo de ambiente coletivo e organizado. Nada poderia ser menos verdadeiro.



Uma organização é frutífera quando se nutre, não de uma presença quantitativa banal, mas de indivíduos que a utilizam para alcançar um objetivo comum. Dito de outra forma, não faz sentido acreditar que, ao nos organizarmos, as questões de como, o quê, onde e por que lutar serão resolvidas pela mera magia do coletivo. No melhor dos casos, ou no pior, dependendo do ponto de vista, talvez alguém consiga encontrar um carro para embarcar, um carro dirigido por outra pessoa, e se sinta confortável no desagradável papel de seguidor. Portanto, é apenas uma questão de tempo antes que alguém, desgostoso e insatisfeito, rompa com essa organização.

A organização está, portanto, subordinada ao que se quer fazer. Para os anarquistas, também precisamos adicionar os laços diretos que precisam existir entre o que se quer fazer, o ideal pelo qual se luta e a maneira de obtê-lo. Apesar dos atuais jogos de máscaras e palavras, nos meandros mais ou menos marxistas, os partidos ainda são considerados um meio adequado para lutar contra os partidos políticos. Ainda os vemos defendendo hoje a afirmação política das forças produtivas (em tempos em que a escala do desastre industrial está à vista de todos) como um caminho para acabar com as relações capitalistas. Alguns querem tomar medidas para tornar todas as outras medidas supérfluas. Os anarquistas não têm nada a ver com esse tipo de truque de mágica, para eles os fins e os meios devem coincidir.

A autoridade não pode ser combatida com formas autoritárias de organização. Aqueles que passam o tempo desfiando os detalhes da metafísica e encontram nessa afirmação argumentos contra o uso da violência, uma desculpa ou uma capitulação dos anarquistas, demonstram acima de tudo seu profundo desejo por ordem e harmonia. Toda relação humana é conflituosa, o que não significa que seja autoritária. Falar sobre essas questões em termos absolutos é certamente difícil, o que não elimina o fato de que a tensão em direção à coerência é uma necessidade vital.

Se hoje pensamos que a afinidade e os grupos de afinidade são a forma mais adequada para a luta e a intervenção anarquista na conflituosidade social, é porque essa consideração está intimamente ligada a como concebemos essa luta e essa intervenção. De fato, existem dois caminhos para enfrentar a questão, caminhos que não são diametralmente opostos, mas que também não coincidem totalmente. Por um lado, existe a necessidade inegociável de coerência. Daí surge a questão da adequação de certas formas de organização anarquista (tomando, por exemplo, as organizações de síntese com programas, algumas declarações de princípios e alguns congressos como federações anarquistas ou estruturas anarcossindicalistas) que respondem à nossa ideia de anarquismo. Por outro lado, está a questão da adequação de certas estruturas organizacionais.



Esta adequação levanta mais a questão com base nas condições históricas, nos objetivos que se quer alcançar (e, portanto, na forma organizativa que se considera mais apta para isso), na análise da situação social e econômica... Gostaríamos que as grandes federações, também em outras épocas, tivessem pequenos grupos que se movem com autonomia e agilidade, mas no nível de adequação à situação, com grande dificuldade se pode excluir a priori que, em determinadas condições, a escolha de uma organização anarquista de luta, específica e federada, de uma constelação guerrilheira... pode (ou melhor, poderia) responder a certas necessidades.



***Acreditamos que contribuir para as rupturas insurrecionais e desenvolvê-las é hoje a intervenção anarquista mais adequada para lutar contra a dominação.***

Por rupturas insurrecionais nos referimos a rupturas intencionais, embora temporárias, no tempo e no espaço da dominação; portanto, uma ruptura necessariamente violenta. Embora tais rupturas também tenham um aspecto quantitativo (já que são fenômenos sociais que não podem ser reduzidos à ação aleatória de um punhado de revolucionários), estas se direcionam à qualidade do confronto. Apontar contra estruturas e relações de poder, romper com o seu tempo e espaço e permite, através das experiências feitas e dos métodos utilizados para autoorganização e da ação direta, questionar e atacar mais aspectos do domínio. Em resumo, as rupturas insurrecionais nos parecem necessárias no caminho para a transformação revolucionária do existente.

Tudo isso leva logicamente à questão de como os anarquistas podem se organizar para contribuir para tal ruptura. Sem renunciar à sempre importante disseminação das ideias anarquistas, acreditamos que, hoje, não se trata de reunir a todo custo o maior número possível de pessoas em torno do anarquismo.

Em outras palavras, não acreditamos que o que é necessário são organizações anarquistas fortes com um amplo espectro capaz de atrair os explorados e excluídos, como um prelúdio quantitativo para estas organizações que, por sua vez, darão (quando chegar a hora) o sinal para uma insurreição. Além disso, consideramos impensável, nos dias de hoje, que as rupturas insurrecionais possam partir de organizações que defendem o interesse de um grupo social particular, começando, por exemplo, de uma forma mais ou menos anarcossindicalista. A integração de tais organizações na gestão democrática, de fato, se encaixa perfeitamente na economia capitalista contemporânea; é essa integração que tornou impossível a transição potencial de uma posição defensiva para uma posição ofensiva.

Por fim, parece-nos impossível que hoje uma "conspiração" forte possa, através de diferentes operações cirúrgicas, fazer tremer a dominação e arrastar os explorados na aventura insurrecional; além das objeções que podem ser feitas contra essa forma de ver as coisas. Em contextos históricos onde o poder estava muito centralizado, como na Rússia czarista, ainda era possível imaginar de alguma forma a hipótese de um ataque direto contra o coração (neste caso, o assassinato do czar) como prelúdio de uma revolta generalizada. Em um contexto de poder descentralizado como o que conhecemos, a questão já não pode ser atacar o coração, com a hipótese de um cenário onde um golpe bem direcionado poderia fazer tremer a dominação em suas bases (o que

obviamente não retira de modo algum a validade de um tiro bem direcionado). Portanto, outros caminhos devem ser explorados.



## ***AFINIDADE E GRUPOS DE AFINIDADE***

Existem muitas desvantagens em relação à afinidade. De fato, é muito mais fácil e muito menos exigente se inscrever em algo, seja em uma organização ou em uma assembleia permanente, e assumir e reproduzir características formais, em vez de empreender uma longa e incessante busca por companheiros com quem compartilhar ideias, análises e projetos eventuais. Porque a afinidade é exatamente isso: um conhecimento recíproco entre companheiros, uma análise compartilhada que leva a perspectivas de ação. A afinidade se direciona,

por um lado, para aprofundamento teórico e, por outro, para a intervenção na conflituosidade social.

A afinidade se coloca radicalmente no plano qualitativo. Almeja compartilhar ideias e métodos, e não tem como meta um crescimento infinito. Para alguns companheiros, uma das principais preocupações, embora bem escondida, parece continuar sendo o número. Quantos somos? O que devemos fazer para ser mais? A partir da polarização dessa questão e da constatação de que hoje não somos muitos, dada pelo fato de que muitos outros não compartilham nossas ideias (nem mesmo inconscientemente), deriva a conclusão de que deveríamos crescer numericamente, evitando enfatizar certas ideias.

Hoje em dia é raro encontrar pessoas que tentariam vender a você uma carteira de filiação a alguma organização revolucionária que tenha como objetivo crescer quantitativamente e aspirar a representar o maior número de explorados; no entanto, são muitos os que pensam que essa é a melhor maneira de dar a conhecer aos outros o que consiste a organização "consensual" em atividades como bares autogestionados, oficinas, shows, etc.

Certamente, estas atividades têm o seu papel, mas quando abordamos o tema da afinidade estamos falando de algo mais. A afinidade não é o mesmo que amizade. Claro que as duas não se excluem mutuamente, mas não porque compartilhamos determinadas análises significa que vamos dormir juntos ou vice-versa. Da mesma

forma, não só porque ouvimos a mesma música significa que queremos lutar juntos contra a dominação.

A busca pela afinidade ocorre em um nível interpessoal. Não é um fato coletivo, uma questão de grupo, onde sempre é mais fácil seguir os outros do que pensar por si mesmo. O aprofundamento da afinidade é evidentemente uma questão de pensamento e ação; no entanto, no final, a afinidade não é o resultado de realizar uma ação em conjunto, mas é um ponto de partida para a ação. Tudo bem, é óbvio o que alguns diriam, mas então isso não significa que não se conheceriam pessoas que poderiam ser bons companheiros porque, de alguma forma, gostaria de limitar-me à afinidade.

É verdade que a busca e o aprofundamento da afinidade requerem uma grande quantidade de tempo e energia e, portanto, não é possível generalizar para todos os companheiros. O movimento anarquista de um país, de uma cidade, ou mesmo de um bairro, não pode se tornar um grande grupo de afinidade.

***Não se trata de ampliar os diferentes grupos de afinidade com mais companheiros, mas sim de possibilitar a multiplicação de grupos de afinidade autônomos.***

A busca, a elaboração e o aprofundamento da afinidade levam a pequenos grupos de companheiros que se conhecem, que compartilham análises e passam juntos à ação.

Existe a palavra... O aspecto "grupo" de um grupo de afinidade tem sido regularmente criticado, tanto de maneira incorreta quanto correta. Frequentemente existem companheiros que compartilham a noção de afinidade, mas se torna muito mais complicado quando começamos a falar de "grupos" que por um lado vão além de um aspecto interpessoal, enquanto por outro lado parecem limitar o "crescimento". As objeções na maior parte do tempo consistem em destacar os mecanismos perniciosos de "dentro/fora" que tais grupos de afinidade podem gerar (como, por exemplo, o fato de renunciar ao próprio caminho a seguir, o estagnação e os mecanismos que possam emergir como certas formas de competição, hierarquia, sentimentos de superioridade ou inferioridade, medo...). Mas estes são problemas que surgem em qualquer tipo de organização e não estão exclusivamente vinculados à afinidade. Trata-se de refletir sobre como evitar que a busca pela afinidade leve a uma estagnação e a uma paralisia mais do que a uma expansão, uma propagação e uma multiplicação.

Um grupo de afinidade não é o mesmo que uma "célula" de um partido ou uma parte de uma guerrilha urbana. Como sua busca é permanente, a afinidade evolui permanentemente. Pode "aumentar" até o ponto em que um projeto compartilhado seja possível, mas por outro

lado, também pode "diminuir" até que seja impossível fazer algo juntos. O arquipélago de grupos de afinidade muda constantemente. Esta mudança constante muitas vezes é apontada por seus críticos: não se pode construir nada a partir disso, porque não é estável. Estamos convencidos do contrário: não há nada a construir em torno das formas organizativas que giram em torno de si mesmas, longe dos indivíduos que fazem parte dela. Porque mais cedo ou mais tarde, aos primeiros golpes, desculpas e algum truque de qualquer maneira virão à tona. O único terreno fértil sobre o qual construir é a busca recíproca pela afinidade.

Finalmente, gostaríamos de destacar que esta forma de organização tem a vantagem adicional de ser particularmente resistente às medidas repressivas do estado, já que não tem bastiões representativos, estruturas ou nomes para defender. Enquanto as formações cristalizadas e as grandes organizações podem ser praticamente desmanteladas de uma só vez, pelo simples fato de serem bastante estáticas, os grupos de afinidade permanecem ágeis e dinâmicos mesmo quando a repressão ocorre. Como os grupos de afinidade se baseiam no conhecimento recíproco e na confiança, os riscos de infiltração, manipulação e intromissão são muito mais limitados do que em grandes estruturas organizacionais às quais as pessoas podem se juntar formalmente ou em relações vagas onde basta reproduzir um certo comportamento para se juntar ao clube. A afinidade



é uma base bastante difícil de corromper, exatamente porque parte das ideias e estas também evoluem.

## ***ORGANIZAÇÃO INFORMAL E PROJETUALIDADE***

Acreditamos que os anarquistas possuem a maior liberdade e autonomia de movimento para intervir nos conflitos sociais quando se organizam em pequenos grupos baseados na afinidade, ao invés de em grandes formações ou em métodos quantitativos de organização. Claro, é desejável e muitas vezes necessário que esses pequenos grupos possam chegar a um entendimento entre si. Mas não com o propósito de se transformarem em uma entidade ou falange, mas para atingir objetivos específicos e compartilhados. Portanto, esses objetivos determinam a intensidade da cooperação organizacional. Não é impensável que um grupo com afinidades organize uma manifestação, mas em muitos casos, a coordenação entre diferentes grupos pode ser desejável e necessária para alcançar esse objetivo específico, ancorado no tempo. A cooperação também pode ser mais intensa em casos de uma luta prevista a médio prazo, como, por exemplo, uma luta específica contra uma estrutura de poder (a construção de um centro de deportação, uma prisão, uma base nuclear...). Nesse cenário, podemos falar sobre organização informal. Organização, porque trata-se de uma coordenação de vontades, meios e capacidades entre diferentes grupos de afinidade e pessoas que compartilham um projeto específico. Informal, pois não estamos interessados em promover um nome,

fortalecer quantitativamente uma organização, ou adotar um programa ou declaração de princípios, mas sim uma coordenação ágil e leve que responda às necessidades de um projeto de luta.

De certa forma, a organização informal também está no campo da afinidade, mas vai além do caráter interpessoal. Existe apenas na presença de uma projeção compartilhada. Uma organização informal, portanto, é diretamente orientada para a luta e não pode existir fora disso. Como mencionado anteriormente, ajuda a atender aos requisitos particulares de um projeto de luta que não pode ser completamente, ou com grande dificuldade, sustentado por um único grupo de afinidade. Por exemplo, pode permitir disponibilizar os meios que consideramos necessários. Assim, a organização informal não visa reunir todos os companheiros sob a mesma bandeira, reduzir a autonomia dos grupos de afinidade ou das individualidades, mas permitir que esta autonomia conflua. Não é um espaço para fazer tudo juntos, mas é uma ferramenta para materializar o conteúdo e o sentido de um projeto comum, através das intervenções específicas de grupos de afinidade e indivíduos.

O que significa ter um projeto? Os anarquistas querem a destruição de toda autoridade; disso, podemos deduzir que estão constantemente buscando maneiras de realizá-lo. Em outras palavras, é certamente possível ser anarquista e ativo em tais situações sem um projeto específico de luta. De fato, isso geralmente é o caso. Se os anarquistas seguem as diretrizes das organizações às quais pertencem (algo que

parece mais do passado), ou se estão esperando por lutas nas quais possam participar, ou tentam incluir o máximo de aspectos anarquistas possível em sua vida diária: nenhuma destas atitudes pressupõe a presença de uma verdadeira projecção, algo que, deixamos claro, não faz estes companheiros menos anarquistas. Um projeto se baseia na análise do contexto social, político e econômico em que se encontra e, a partir disso, prepara uma perspectiva que permite a intervenção no curto e médio prazo. Um projeto que, portanto, contém análise, ideias e métodos, coordenados para alcançar um propósito. Podemos, por exemplo, publicar um jornal anarquista porque somos anarquistas e queremos difundir nossas ideias. Isso é bom, mas uma abordagem mais projetual exigiria uma análise das condições sob as quais esta publicação seria adequada para intervir na conflitualidade, qual forma deveria, portanto, adotar... Podemos decidir lutar contra as deportações, contra o deterioramento das condições de sobrevivência, na prisão... porque todas estas coisas são simplesmente incompatíveis com as nossas ideias; desenvolver um projeto exigiria uma análise para entender de onde seria mais interessante uma intervenção anarquista, quais métodos usar, como pensar em dar um impulso ou intensificação ao conflito em um período específico de tempo. Não é preciso dizer que tais projetos geralmente são a ocasião para se organizar informalmente, em coordenação entre diferentes grupos e indivíduos anarquistas.

Portanto, uma organização informal não pode ser fundada, constituída ou abolida. Ela surge de uma forma completamente natural, atendendo às necessidades de um projeto de luta e desaparece quando este projeto é realizado ou quando se avalia que já não é possível nem relevante realizá-lo. Não coincide com a totalidade da luta em andamento: as diversas formas organizacionais, os diferentes locais de encontro, as assembleias, etc. produzidas por uma luta existirão independentemente da organização informal, o que não significa que os anarquistas não possam também estar presentes lá.



## **OS "OUTROS"**

Até agora, falamos principalmente sobre formas de organização entre anarquistas. Sem dúvida, muitas revoltas oferecem sugestões valiosas paralelas às que acabamos de mencionar. Tomemos, por exemplo, as revoltas dos últimos anos em certas metrópoles. Muitos rebeldes se organizaram em pequenos grupos ágeis. Ou pense nos distúrbios do outro lado do Mediterrâneo. Não foi necessário uma organização forte ou algum tipo de estrutura representativa dos explorados para provocar os levantamentos; seu núcleo foi construído com diversas formas de auto-organização informal. Claro, não estamos comentando sobre o "conteúdo" dessas revoltas, mas sem as formas organizacionais claramente anti-autoritárias, seria completamente impensável que tivessem tomado um rumo libertador e libertário.

É hora de dizer adeus, de uma vez por todas, a todos os reflexos políticos, especialmente agora que as revoltas não atendem (mais) às prerrogativas políticas. Insurreições e revoltas não devem ser lideradas nem pelos autoritários nem pelos anarquistas. Eles não pedem para se organizarem em uma grande formação. Isso não significa que nossa contribuição para tais eventos (fenômenos verdadeiramente sociais) possa permanecer meramente espontânea se aspirarmos a ser uma contribuição qualitativa; requer certa organização e intencionalidade. No entanto, os explorados e os excluídos não precisam dos anarquistas para se rebelar ou insistir. Na melhor das hipóteses, podemos ser um

elemento adicional, bem-vindo ou não, uma presença qualitativa. Mas isso ainda é importante se quisermos fazer com que as rupturas insurrecionais avancem em uma direção anarquista.

Se os explorados e excluídos são perfeitamente capazes de se rebelar sem os anarquistas e sua presença, ainda assim não estamos dispostos a desistir de buscar pontos e um terreno onde possamos lutar com eles. Esses pontos e esse terreno não são consequências naturais ou "automáticas" das condições históricas. O encontro entre grupos de afinidade, bem como a organização informal de anarquistas e explorados dispostos a lutar, ocorre melhor na própria luta, ou pelo menos em uma proposta de luta. A necessidade de disseminar e aprofundar as ideias anarquistas é inegável e nunca devemos escondê-las, confiná-las aos becos ou disfarçá-las em nome de uma estratégia específica. Porém, em um projeto de luta insurrecional, não se trata de converter o maior número possível de explorados e excluídos às nossas ideias, mas sim de possibilitar experiências de luta com a metodologia anarquista e insurrecional (ataque, auto-organização e conflitualidade contínua). Dependendo das hipóteses e dos projetos, é necessário refletir efetivamente sobre as formas organizacionais que esse encontro entre os anarquistas e aqueles que desejam lutar radicalmente pode adotar. Estas formas de organização definitivamente não podem ser constelações exclusivamente anarquistas, pois outros rebeldes participam delas. Portanto, elas não são um meio para "promover" o

anarquismo, mas sim para dar forma e substância a uma luta insurrecional.

Em alguns textos, elaborados a partir de uma série de experiências, são mencionados os "núcleos de base" formados dentro do projeto de uma luta específica, formas de organização baseadas nas três características fundamentais da metodologia insurrecional. Os anarquistas participam, mas juntamente com outros. De certa forma, eles funcionam como os pulmões de uma luta insurrecional. Quando essa luta é intensa, envolve muitas pessoas e diminui em quantidade quando a intensidade cai. O nome dessas estruturas organizacionais é de pouca ou nenhuma importância. Deve-se discernir, em certos projetos de luta, se formas organizacionais semelhantes são imagináveis ou necessárias. Também devemos destacar que eles não são coletivos, comitês, assembleias populares, etc., que foram formados anteriormente e que têm o objetivo de perdurar no tempo, e cuja composição raramente é antipolítica e autônoma (pois muitas vezes envolve elementos institucionais). Os "núcleos de base" são formados dentro de um projeto de luta e têm apenas um propósito concreto: atacar e destruir um aspecto da dominação. Portanto, não são organizações unificadoras que defendem os interesses de um grupo social (como comitês de desempregados, assembleias de estudantes...), mas sim ocasiões de organização voltadas para o ataque. Experiências de auto-organização e ataque, obviamente, não garantem que em uma

futura luta os explorados não aceitem ou tolerem elementos institucionais. Mas sem essas experiências, esse tipo de reação seria praticamente impensável.

Em resumo, em nossa visão, não se trata de construir organizações que "atraiam as massas" ou as organizem, mas de desenvolver e implementar propostas concretas de luta. Dentro dessas propostas, de natureza insurrecional, é importante refletir sobre as formas organizacionais consideradas necessárias e adequadas para implementar uma proposta de ataque. Ressaltamos mais uma vez que essas formas organizacionais não necessariamente envolvem estruturas com reuniões, lugares de encontro, etc., mas que também podem surgir diretamente na rua, em momentos de luta. Em certos locais, por exemplo, pode ser mais fácil criar alguns "pontos de referência" ou um "núcleo de base" com outros explorados ao interromper a rotina, erguendo uma barricada na rua... em vez de esperar que todos venham a um encontro para discutir sobre a colocação de uma barricada. Esses aspectos não podem ser totalmente deixados ao acaso e à espontaneidade. A intencionalidade permite reflexão e avaliação de diferentes possibilidades e sua relevância.

## ***EM RESUMO***

Se a questão deixa de ser sobre como organizar as pessoas para a luta e passa a ser sobre como organizar a própria luta, acreditamos que arquipélagos de grupos de afinidade, independentes uns dos outros,



que possam se associar com base em perspectivas compartilhadas e projetos concretos de luta, são a melhor maneira de partir para ofensiva. Estas concepções proporcionam a maior autonomia e o campo de ação mais vasto possível. No âmbito dos projetos insurrecionais, é necessário e possível encontrar formas de organização informal que facilitem o encontro entre anarquistas e outros rebeldes; formas de organização que não têm a intenção de perdurar, mas que são orientadas para um objetivo específico e insurrecional.





**TUDO PODER AOS GRUPOS DE AFINIDADE**





*Leia, copie e difunda como quiser o material, seja livre. Essa zine foi editada por la libertaria, um grupo dedicado ao apoio as lutas locais e globais e ao estudo, difusão e investigação da anarquia e do pensamento anarquista.*

*Blog: [grupolalibertaria.org](http://grupolalibertaria.org)*

*Contato: [lalibertaria@riseup.net](mailto:lalibertaria@riseup.net)*

*[grupolalibertaria.org](http://grupolalibertaria.org)*

